

COISA

CONT O DE TERROR

Enrique Andres de Oliveira Aue

coisa conto de terror

Enrique Andres de Oliveira Aue

Escritor amador e estudante autônomo de literatura. Editor autônomo dos próprios textos (no projeto que chama de Edição Barata). Brasileiro, de família meio pernambucana, meio chilena. Nasceu e sobreviveu em São Paulo.

CONTATO edicaobarata@gmail.com

Almoçando num prato de sobremesa, pra engolir mais fácil e sair mais rápido. Imagino minha sogra:

– Um pratinho desse? Não, pega lá o outro, ali no, no coisa! Que senão não aguenta, o dia é longo!

Não: o dia é curto, dá tempo pra nada, pra coisa nenhuma. Termina com minhas demandas sempre incompletas. Almoço em pé já na porta pra sair. Esquecido de que tô comendo, tava calculando o troco pro salgado na estação, que vai ser hora de ter fome. Dependendo do ônibus às vezes nem dá tempo e só como de novo à noite. Refeição mesmo só amanhã. Amanhã a fome é enjoo, o estômago ruim. Amanhã – o que é amanhã? Nem sei se o que vivi ontem foi ontem no passado ou ainda é o que tô vivendo.

O dia é curto e não passa nunca.

* * *

Depois de trocar uns currículos por umas rejeições, paro numa padaria. Procuo emprego, mas olho pros salgados. Espio o serviço daqui: uns fulanos vêm, pedem alguma meleca, mancham pratos e os devolvem. E saem. Assim enche-se a pia e a caixa registradora.

– Oi, vocês estão contratando?

Não ouviu. Deixa pra lá.

Desemprego diz que meu tempo de vida não tá empregado em nada se não tenho profissão. Se não rendo dinheiro eu sou só um gasto, um prejuízo.

Pedi um salgado sem gosto, escolhi pelo preço. Tô sentindo uma coisa. Nem me vi comer, só sei quanto devo. Se eu não pagar e tiver que limpar os pratos, já é um emprego. Paguei, vou embora.

No caminho um artista, não sei se tava vendendo livros na rua, tentou me parar pra conversar sobre... nem sei. “Posso te mostrar uma coisa?” Nem parei. Tenho tempo pra coisa nenhuma.

Quero ter mais lugares pra ir antes de voltar pra casa. Lá as coisas nunca terminam de precisar ser pagas. Dá raiva ficar com fome. Porque, quanto tá o feijão? Tem alguns pagamentos pra chegar, já me adianto e somo tudo. Deu um valor que tô sem coragem de comparar com as contas. O dinheiro chega e eu pareço o carteiro, vem já tendo destinatário, que nunca sou eu, eu só repasso.

Vou comer só mais tarde. Um enjoo, uma coisa...

É de ferrar! Estar indo procurar emprego e ter tarifa no meio do caminho cobrando transporte. Economizei no refri e pago no bilhete... Não tô bem, aí a revolta cresce. Pular esta merda! Coloco o bilhete, certinho, e passo a catraca, deixo ela contabilizar mais um obediente.

Eu não sou nem capaz de peitar e o segurança já tem uma arma. Se preveniram muito antes duma revolução.

Na internet vi outro dia a presidenta falando. Agora é ex-presidenta, porque tá sendo substituída por um cara em quem ninguém votou. Ela tinha falado uma coisa, que “injustiça cometida é mal irreparável”. Aquilo era pra todo mundo aqui deste vagão. Todo mundo e eu também, faz tempo que tô injustiçado e irreparado.

Ontem eu senti. A coisa estranha na minha cabeça, na cara... Feita de ar frio, ar de madrugada. Como se fosse um caco de vidro de gelo furando minha cabeça pela cara, sem doer. Doer doer, não doeu. Terrível igual a dor, sem doer. Ameaçava doer, já cravada dentro de mim, ameaçava tirar o efeito da anestesia. Minha estação.

Tenho hora pra voltar.

* * *

O último currículo que entreguei: o cara nem pegou, fez assim com a mão, “Não, não, obrigado!” meio rindo. Como se fosse uma pegadinha minha, fez como quem diz “Não caio mais nessa”. Eu sou um mau negócio. Próximo estabelecimento:

– Tá difícil, com essa crise. Agora vamos ver se melhora, né? Por enquanto, a coisa aqui tá feia.

A coisa, pra mim, tá difícil também. Ele não vende porque tá todo mundo sem dinheiro, e tamo sem dinheiro porque quase ninguém arranja emprego. Mais um lugar que não me contrata, nem vou perder tempo nessa conversa.

Perder tempo – e eu ia usar esse tempo em quê? Essa vida é muito chata, uma coisa...

Como entendo a coisa de ontem? Tava no centro, e as ruas do centro são sempre desconfortáveis, uma merda, mas era só a merda cotidiana que todo mundo já conhece. O clima mudou: a coisa nublou uma parte, apagou minha percepção do meu lado direito, apagou minha orelha. Não era isso, mas era uma coisa – que parecia numa parte do meu cérebro, eu senti que era um canto da parte traseira. Não entendi que fosse assim, mas eu sabia essa coisa. Metade da minha cabeça, até da minha cara, meio apagadas. E tinha uma tonteira também. Só que não era isso, e nem tinha porquê – a coisa só era.

É assim uma coisa que, que é uma coisa que você sente. Não sei, devia ter sentido antes, não sei se acumulou, é terrível.

– Agora que a coisa me tocou, a vida é com a coisa. A coisa é impossível. Então a vida tem que acabar, que não quero mais sentir.

Não me acabei nem nada. Nem melhorei, mas, passou.

Agora, hoje. Voltei pra casa e deitei um pouco e já tá de noite. Tô acordando e nem tinha que ter dormido. Por que não podia, não sei. Desde que me tiraram o expediente, eu mesmo me tirei a folga. Todo descanso é prejuízo.

Falta de dinheiro faz pensar que todo o tempo que não vendo é mercadoria estragando. E o certo é gastar minhas horas de vida quase todas pra construir a vida dos outros e nunca a minha? Bom era meu tempo ser meu, eu fazer algo pra mim, eu cuidar é de mim, das minhas coisas, nem sei. Entendo isso, mas a sensação é mesmo que meu tempo tá estragando, que eu tô estragando...

Ontem, depois da coisa, a vida foi normal, apesar de coagida por um susto. A noite foi passável. Nenhum inferno até hoje. A coisa eu sentia próxima, mas adormecida.

– Coisa, vou te escrever. Você, que é invisível. Vou te dar nome e conseguir te controlar.

Muito tempo sem conseguir. Pra dizer disso não sei nem falar. Não conheço a coisa, e é isso que ela é.

O silêncio tem um som irritante. Um “z” com acento agudo. Sem vogal, mas contínuo, um metal vibrando, furadeira minúscula apontando meu tímpano direito. Silêncio sem tranquilidade. Não dá pra cuidar da coisa gostando, não é doença de estimação. Gastei a madrugada rabiscando um retrato da coisa: a descrição tosca não conta nada, e só serve pra eu mesmo relendo não entender e me descobrir um doido. O tempo zunindo e meus olhos espetando a noite. Não sabia se era seguro dormir. E se a coisa volta neu deitado? E se fosse fatal? Ainda não tinha me decidido... Lembrava que não podia, que tinha tarefas pra fazer hoje.

COISA
Thaís Nogueira Silva



– Alô?... Posso... Tô meio coisado. Mas, posso te buscar, sim. Depois explico.

Explico nada, nem entendo! Cato uma caneta igual a faca do suicida. Sedento, encurralo um papel: e tudo silencia. Na hora de dizerem, as vozes que me machucavam, na hora de dizerem para sempre em folha gravada aí calam a boca. Enquanto não, as bocas do silêncio dessa casa vazia comiam meu cérebro acordado.

Tô ruim, doente e nem sei. Escrevi até carta de despedida da vida e soube o que dizer. Nunca senti. Escrevi e pus ponto final na minha vida. E agora? Tocou o celular, era minha parceira. Chega tarde do trampo e pede pra eu encontrar ela no caminho. Contribuo como posso, fazendo e agindo coisas da vida – como agora? Minha cara é ridícula entre as pessoas vivas, a minha, a do assumido morto.

Não tenho condição nenhuma de sair de casa neste estado e já tô atravessando a avenida.

A cada pessoa que passa tenho que esconder minha cara. A coisa pregou no meu rosto, as garras enganchadas nas minhas pálpebras, como pode alguém chorar tanto, de onde tanta água?

Respiro esgoelado, tento acalmar, que não é pra eu ser visto assim.

Ando com muito cuidado. A coisa pairando em cima de mim. Cuidado pra coisa não romper e despencar dela uma tempestade desesperadora. Respirar, pisar no chão, olhar as placas – nada demais tá acontecendo de verdade.

A minha parceira. Vindo. Se encontrar no caminho, ela combinou. Já me viu. Vai dar tudo certo. É só ela não ficar preocupada.

Ficou.

– Que foi, meu amor? O que aconteceu?

Tô no chão, nem me vi sentar ou cair. Desgraçado como se fosse vítima duma tragédia, se tivesse me acontecido alguma coisa. E minha desgraça é justamente que não tenho motivo pra tristeza assim e acontece que sou triste assim. Parece que enquanto eu existir vou chorar, e chorar igual se vomita.

É, me aconteceu alguma coisa.

Nota do autor

O conto “Coisa” foi publicado de forma autônoma, em agosto de 2016, dentro do projeto de publicação literária chamado EDIÇÃO BARATA. O livro físico de “Coisa”, bem como outros livros da Edição Barata, podem ser comprados diretamente do autor.

Os livros são divulgados através da página da Edição Barata no Facebook, podendo ser encomendados na própria página ou pelo e-mail edicaobarata@gmail.com

Comentários e trocas de ideia sobre o conto também são muito bem-vindos!

COISA
Enrique Andres de Oliveira Aue

COISA
CONTO DE TERROR

COISA
O DE TERROR

EDIÇÃO
BARATA
